

AperTO - Archivio Istituzionale Open Access dell'Università di Torino

Métodos qualitativos para pesquisa em saúde // Qualitative methods for health research

This is the author's manuscript

Original Citation:

Availability:

This version is available <http://hdl.handle.net/2318/1658398> since 2018-01-20T10:59:05Z

Terms of use:

Open Access

Anyone can freely access the full text of works made available as "Open Access". Works made available under a Creative Commons license can be used according to the terms and conditions of said license. Use of all other works requires consent of the right holder (author or publisher) if not exempted from copyright protection by the applicable law.

(Article begins on next page)

Métodos qualitativos para pesquisa em saúde

Qualitative methods for research on health

Métodos cualitativos para la investigación en salud

Cardano, Mario¹

Os métodos qualitativos, como observaram Catherine Pope e Nicholas Mays¹, têm muito a oferecer à pesquisa em saúde. É difícil imaginar acessar a experiência subjetiva de pacientes sem recorrer a entrevistas discursivas, com as quais eles podem moldar suas narrativas de doença. Da mesma forma, parece decididamente difícil compreender a complexidade organizacional das práticas de cuidados sem recorrer a formas de observação aproximada que se estende ao longo do tempo. Bem, embora nas últimas décadas, a pesquisa qualitativa em cuidados de saúde se tornou generalizada², ainda há reservas sobre sua capacidade de oferecer um contributo válido para a pesquisa científica. Nesta breve contribuição, proponho em primeiro lugar identificar os traços distintivos da pesquisa qualitativa, para depois discutir seus pontos fortes e fracos. Concluirei com uma breve reflexão sobre as condições que permitem circunscrever os resultados de uma pesquisa qualitativa em um contexto em que há maior familiaridade com ensaios randomizados e pesquisas quantitativas.

A pesquisa qualitativa é tudo menos um monólito, um conjunto compacto de práticas de pesquisa esculpidas na mesma matéria teórica e epistemológica. A pesquisa qualitativa é um conjunto plural de estilos de pesquisa, diferentes por ascendência teórica e práticas de pesquisa. Próxima e imersa em um contexto social, para observá-lo, há aqueles que preferem se envolver em longas conversações, algumas vezes com indivíduos singulares, outras com pequenos grupos de pessoas. Há aqueles que decidem buscar uma resposta às suas perguntas de pesquisa através de uma perturbação intencional do contexto em estudo, conduzida com um claro olhar experimental. Outros reconhecem na perturbação dos fenômenos em estudo a condição a ser evitada e, com a sensibilidade do historiador, eles se concentram em textos e artefatos que podem ser adquiridos sem alterar o contexto social observado. Indubitavelmente diferentes uns dos outros, essas maneiras de fazer pesquisa mostram algumas "semelhanças familiares" importantes³. Essas semelhanças, além de identificar os traços relevantes da pesquisa qualitativa, ajudam a reconhecer o que a separa da pesquisa quantitativa. Três me parecem ser os traços de pesquisa qualitativa em que este ar familiar é mostrado: a harmonização dos procedimentos de construção de dados com o contexto de seu uso; a observação aproximada, a multivocalidade da escrita.

¹ Pesquisador e Professor do Departamento de Cultura, Políticas e Sociedade, Universidade de Turim, Turim, Itália. Email: mario.cardano@unito.it <http://orcid.org/0000-0003-0268-3020>

Na pesquisa qualitativa, os procedimentos de construção de dados assumem configurações diferentes de acordo com o contexto interativo no qual eles tomam forma. Tim Rapley expressa claramente esta vocação da pesquisa qualitativa na indicação de que ele propõe a quem está prestes a realizar um estudo baseado no uso da entrevista discursiva: "Você não precisa fazer a mesma pergunta da mesma maneira em cada interação"^{5:18}. A formulação de uma pergunta, em uma entrevista, sobre a forma como, no decurso de uma pesquisa etnográfica, o pesquisador observará e, até certo ponto, participará de uma prática interativa, variará de tempos em tempos, *harmonizando-se* com as mudanças circunstanciais do campo. Para colocá-lo em um slogan: na pesquisa qualitativa, não são os participantes que precisam se adaptar ao método proposto, mas é o método que deve se adaptar aos participantes. Na pesquisa quantitativa, por outro lado, os procedimentos de construção de dados são uniformes, regidos por um conjunto de definições operacionais, que, por exemplo, orientam a maneira como as perguntas podem ser feitas em um questionário.

A segunda característica pertinente da pesquisa qualitativa é a sua vocação, conforme James Clifford⁷, a uma observação aproximada, a um estilo de pesquisa que prefere o aprofundamento de detalhes para a reconstrução do quadro geral, os estudos intensivos realizados em um número reduzido de casos, ao invés dos estudos extensivos. Na pesquisa quantitativa, por outro lado, prevalece a tendência de trabalhar em populações ou amostras muito numerosas, também existem estudos baseados em números pequenos, como, por exemplo, em experimentos de laboratório em psicologia ou economia.

O último traço que merece destacar diz respeito ao caráter multivocal, polifônico da escrita com o qual os resultados de uma pesquisa qualitativa são entregues ao leitor. Com poucas exceções, os textos que produzem os resultados de uma pesquisa qualitativa baseiam-se em uma forma de "orquestração" entre a voz do pesquisador e a dos participantes, modulada por uma escala que se apoia no compromisso de dar voz aos participantes⁸, um exercício mais modesto de "ventriloquismo"^{6:122}, em que uma voz, a dos participantes, é, por assim dizer, subserviente aquela do autor. Na pesquisa quantitativa - eu diria sem exceção - os textos que apresentam os resultados de uma pesquisa são monovocais, cruzados pela única voz do autor.

Os pontos fortes da pesquisa qualitativa derivam dos traços distintivos mencionados acima. A observação aproximada e a harmonização dos procedimentos de construção dos dados permitem compreender com precisão particular a "definição da situação" que direciona as ações dos indivíduos e ajuda a definir seu significado. Além disso, é peculiar a capacidade de pesquisa qualitativa para descompactar, por assim dizer, os processos sociais, abrir a caixa preta proverbial que liga os eventos que ocorrem nos contextos em estudo. A abertura dos dispositivos teóricos e metodológicos deste estilo de pesquisa é, além disso, o que permite a formação de novos conceitos, fundados, não em especulações teóricas, mas em materiais empíricos, conforme Mary Morgan⁹, baseados na evidência. Os traços que

determinam as virtudes da pesquisa qualitativa também são responsáveis pelas fraquezas que lhe são imputadas: a subjetividade do conhecimento adquirido, a não replicabilidade dos resultados, um modo espirituoso de falar sobre a ausência de rigor.

No entanto, é a opinião do escritor, que esta acusação é formulada através de uma concepção específica de rigor que é precisamente a da pesquisa biomédica e, geralmente é aquela, da pesquisa quantitativa. É um rigor que se baseia na padronização dos procedimentos de coleta e análise de dados e no exame de amostras de grandes ou grandíssimas dimensões. Essas condições permitem prosseguir com a construção do conhecimento usando a "lógica da inferência"¹⁰, mas o que, de fato, exclui a pesquisa qualitativa das fileiras das práticas científicas. O fato - incontestável - de que a pesquisa qualitativa não pode ser submetida à lógica da inferência não implica que essa maneira de fazer pesquisa não permita defender o rigor de suas conclusões. Nesta linha de pensamento, existem numerosas contribuições metodológicas que insistem na necessidade de usar procedimentos para defender a solidez dos resultados de uma pesquisa qualitativa e critérios diferentes dos propostos para pesquisas quantitativas. Os meus trabalhos mais recentes estão se movendo nessa direção, especialmente com a proposta de basear a plausibilidade dos resultados de uma pesquisa qualitativa, usando, ao invés da teoria da probabilidade, própria da abordagem da pesquisa quantitativa, a teoria da argumentação⁴.

Esta linha de raciocínio - na minha opinião - é a única viável, dado as profundas diferenças que separam as versões quantitativas e qualitativas no "jogo da ciência", abertas a um problema ao qual a parte final deste texto é dedicada. A questão - em poucas palavras - é a de comunicação e reconhecimento mútuo entre diferentes "comunidades de práticas", entre aqueles que praticam pesquisa em saúde de acordo com os cânones do ensaio randomizado, usando métodos quantitativos, daqueles que, em sentido mais amplo, decidem se inspirar em outra Musa, a pesquisa qualitativa. Para garantir que diferentes critérios e procedimentos de avaliação (como a teoria da probabilidade e a teoria da argumentação) possam produzir, não a separação rancorosa entre as formas alternativas de fazer ciência, mas sua integração, se faz necessário um profundo repensar sobre a noção de método, entendido não como uma coleção de regras que atuam como *ordens*, mas como um conjunto de *princípios* que recebem uma interpretação diferente de acordo com o contexto em que são aplicados. Estes são princípios que, conforme Gary Brent Madison¹¹, são mais parecidos com as leis do direito do que com as da física; princípios para os quais não se dão apenas uma interpretação correta, mas mais do que uma, de acordo com o contexto empregado e cuja aplicação, diferente da sentença de um tribunal, deve ser defendida com argumentos adequados. Na sequência da reflexão proposta nestas páginas, tudo isso se traduz no reconhecimento de que o princípio geral do rigor pode ser considerado respeitado por procedimentos que assumem diferentes formas em pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa. Por exemplo, o princípio inalienável que exige que a comunidade científica explique a forma como os resultados de seu estudo foram

obtidos (responsabilidade ética) será satisfeito: na pesquisa quantitativa, com uma ilustração das definições operacionais adotadas e os modelos estatísticos adotados; na pesquisa qualitativa, com a elaboração de um relatório reflexivo, que - quando a pesquisa é concluída - descreve detalhadamente como o pesquisador experimentou seu próprio objeto^{4,12}. Neste sentido, com críticas ainda não marcadas por um ecumenismo genérico, de que qualquer coisa serve, é possível expressar plenamente o potencial da pesquisa qualitativa na área da saúde.

Descritor: Pesquisa Qualiativa.

Notas do autor:

ⁱ No texto, refiro-me às técnicas de pesquisa qualitativa mais comuns: observação participante ou naturalista, *shadowing*, entrevista discursiva e grupo focal, experiência de campo e jogos, observação de documentos naturais (de textos, imagens de vídeo, objetos de cultura material) e análise de conversações. Para um mapa de técnicas de pesquisa qualitativa⁴.

ⁱⁱ Barbara Czarniawska, escreve em *Narrative in Social Science Research* que: "Se existe uma regra geral sobre pesquisa de campo é que todas as técnicas devem ser sensíveis ao contexto"^{6:44}.

REFERÊNCIAS

1. Pope C, Mays N. *Qualitative Research in Health Care*. 2nd ed. London: BMJ Books; 2000.
2. Green J, Torogood N. *Qualitative Methods for Health Research* 3rd ed. London: Sage; 2014.
3. Wittgeinstein L. *Investigações filosóficas*. Petropolis: Vozes; 2014.
4. Cardano M. *Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação*. Petrópolis: Vozes; 2017.
5. Rapley T. Interviews, in: Seale C, Gobo G, Gubrium JF, Silverman D (editors). *Qualitative Research Practice*. London: Sage; 2004. p.15-33.
6. Czarniawska B. *Narrative in Social Science Research*. London: Sage; 2004.
7. Clifford J. *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge (Mass.). London: Harvard University Press; 1997
8. Tedlock D. Questions concerning Dialogical Anthropology. *Journal of Anthropological Research*. 1987;43(4):325-37.
9. Morgan M. Case Studies in: Cartwright N, Montuschi E (editors). *Philosophy of Social Sciences. A New Introduction*. Oxford: Oxford University Press; 2014.p. 288-307.
10. Goldthorpe J. *On Sociology. Narratives, and the Integration of Research and Theory*. Oxford: Oxford University Press; 2000.
11. Madison GB. *The hermeneutics of postmodernity*. Bloomington: Indiana University Press; 1988.



12. Altheide DL, Johnson JM. Criteria for Assessing Interpretive Validity in Qualitative Research in: Denzin NK, Lincoln YS (editors). Handbook of Qualitative Research. London: Sage; 1994. p.485-499.

Data de submissão: 20/11/2017

Data de aceite: 08/12/2017

Data de publicação: 26/12/2017

Qualitative methods for health research

Métodos qualitativos para pesquisa em saúde

Métodos cualitativos para la investigación en salud

Cardano, Mario¹

According to Catherine Pope and Nicholas Mays¹, qualitative methods have a lot to offer to health research. It is hard to imagine understanding the subjective experience of patients without recurring to in-depth interviews, to access their illness narratives. Likewise, it seems very hard to grasp the organizational complexity of the practices of care without committing in a long-lasting close observation. Well, although in the last decades the legitimacy of qualitative methods in health research has been consolidated², there still are doubts about their capacity to offer a valid contribute to scientific research. In this short contribution, I mean, firstly, to identify the pertinent and distinctive traits of qualitative research, and then discuss its strength and weakness. I will conclude by elaborating some reflections on the conditions that would consent the full acceptance of the qualitative research results as evidence, in a context more familiar with the randomized controlled trials.

Qualitative research is everything but a monolith, a compact set of practices of research that are chiseled in the same theoretical and epistemological matter. Qualitative research is a plural set of research styles, different by theoretical ascendancy and research practices. With who decide to dive into a social context, to decrypt its culture, there are who ones that prefer getting involved in long tape-recorded conversations, with singular individuals or with small groups. In addition, there are the ones that look for an answer to their questions of research through an intentional perturbation on the studied context, carried out with a clear experimental disposition. Other acknowledge in the perturbation of phenomena studied the condition to be avoided and, with the sensitivity of the historian or that of the archaeologist, they focus on texts and artefacts that may be acquired without altering the observed social context. Undoubtedly different from one another, these ways of doing research show some important “family resemblances”³. These resemblances, besides identifying the pertinent and distinctive traits of the qualitative research, help to recognize what distinguishes qualitative from the quantitative research. Three - in my view - are the traits of qualitative research in which this family likeness is shown: the harmonization of the data collection procedures to the context of its application; the close observation of a little numbers of cases; and the multivocality of the writing.

¹ Researcher and professor from Department of Culture, Politics and Society, University of Turin, Turin, Itália. Email: mario.cardano@unito.it <http://orcid.org/0000-0003-0268-3020>

In qualitative research, the procedures of data collection assume different configurations according to the interactive context in which they take form. Tim Rapley clearly expresses this vocation of the qualitative research on the advice that he suggests to whom is about to perform a study based on the use of in-depth interview: “You don’t have to ask the same questions in the same way in each interaction”^{5:18}. The wording of a question, in an in-depth interview; the way in which, in an ethnographic research, the researcher will observe and, somehow, participate in the interactive practices in the field, will vary from time to time, by harmonizing with the changing contingencies of the fieldⁱⁱ. To put it with a slogan: in qualitative research, participants do not need to fit the proposed method, but is the method that must fit the participants. In quantitative research, on the other hand, the data collection procedures are uniform, governed by a set of operational definitions that, for example, guide the way in which the questions of a questionnaire must be asked to the individuals in a survey.

The second pertinent characteristic of the qualitative research is its vocation, accordingly to James Clifford⁷, to a close observation, to a research style that prefers the deepening of details instead of the reconstruction of an overall picture, that favours intensive studies performed on a reduced number of cases, instead of extensive studies. In the quantitative research, on the other hand, the tendency to work in populations or big samples prevails (even if there are quantitative studies carried out on small groups, such as lab experiments in psychology or economics).

The last trait that deserves highlighting is the polyphonic, multivocal character of the texts with which the results of a qualitative research are delivered to the reader. With few exceptions, the texts that represent the results of a qualitative research are based at an “orchestration” between the researcher and participants’ voices, modulated on a scale that goes from the commitment to give voice to the participants⁸, to a more modest exercise of “ventriloquism”^{6:122}, in which a voice, that of participants, is, so to say, subdued to that the author. In quantitative research, I would say without exceptions, the texts that present the results of a research are monovocal, crossed only by the author’s voice.

The strengths of qualitative research come from the distinctive traits mentioned above. The close observation and the harmonization of data collection procedures allow to grasp with particular accuracy the participants’ “definition of the situation”, which steers the actions of individuals and contributes to define their meaning. Distinctive, as well, is the capability of qualitative research to unpack, so to speak, the social processes, opening the proverbial black box that links the events that take place in the social contexts analyzed. The opening of the theoretical and methodological tools, typical of this style of research, is moreover what allows the formation of new concepts, rooted not on theoretical speculations, but on empirical materials, accordingly to Mary Morgan⁹, «evidence based».

The traits that determine the virtues of qualitative research also are responsible for its (presumed) weaknesses: subjectivity of the acquired knowledge, non-replicability of research results; in a nutshell: lack of rigour.

In my view, however, this charge is formulated by assuming a specific conception of rigour as the only possible, that of randomized controlled trials, and, more generally, that of quantitative research. This conception of rigour is based on the standardization of data collection and analysis procedures and on the study of big, if not titanic samples. These conditions allow proceeding with the construction of knowledge using the "logic of inference"¹⁰ and the theory of probability. These conditions allow proceeding with the construction of knowledge using the "logic of inference"¹⁰, and the theory of probability. Unfortunately, due to its constitutive traits, the qualitative research cannot satisfy these conditions and - in this (defeasible) view - it is excluded from the set of scientific practices. The indisputable fact that qualitative research cannot be subjected to the logic of inference does not imply that this way of doing research does not allow the defense of the rigour of its conclusions. In this line of thinking, there are numerous methodological contributions that insist on the need to use criteria and procedures to defend the soundness of the results of qualitative research different from those proposed for quantitative research. My most recent work moves in this direction, by maintaining that the role covered, in quantitative research, by the theory of probability, in qualitative research, can be covered by the theory of argumentation⁴. This line of reasoning is - in my opinion - the only viable, given the profound differences separating the quantitative and qualitative versions in the "game of science", opens to a problem tackled in the final part of this text. The issue is that of communication and mutual recognition between different "communities of practices" working in the health research field, among those who carried out research in accordance with the canons of the randomized trial, using quantitative methods, and those that, in a broader sense, decide to be inspired by another Muse, the qualitative research.

In order to ensure that different criteria and evaluation procedures (such as theory of argumentation vs. theory of probability) can produce, not the rancorous separation between alternative forms of science, but their integration, a thorough rethinking of the notion of method is necessary. Instead of being thought as a collection of rules that act as orders, the method should be meant as a set of principles that receive a different interpretation according to the context in which they are applied. These are principles that, according to Gary Brent Madison¹⁰, are more similar to the laws of law than to those of physics; principles for which not just one correct interpretation is given, but more than one, according to the context of application, and whose implementation, not different from a court's judgment, must be defended with adequate arguments¹¹.

In the wake of the reflection proposed in these pages, all this translates into the recognition that the general principle of rigor can be considered respected by procedures that assume different forms in quantitative and qualitative research. For example, the principle of accountability, that - legitimately - requires the members of the scientific community to describe how the results of their study were obtained, will be satisfied: in quantitative research, with an illustration of the operational definitions adopted and the statistical models adopted; in qualitative research, with the elaboration of a reflective account, which - when the research is completed -

describes in detail how the researcher experienced his own object^{4,12}. With a stance underpinned on these critical bases, and not on a generic ecumenism, for which anything goes, it is possible to fully express the potential of qualitative research in the area of health.

Descriptor: Qualitative Research.

Author's notes:

ⁱ In the text, I refer to the most common qualitative research methods: observation, participant or naturalistic; shadowing; in-depth interview; focus group; field experiments; games; documentary research methods; analysis of conversations. For a map of qualitative research methods⁴.

ⁱⁱ Barbara Czarniawska writes in *Narrative in Social Science Research*: "If there is one general rule on field research it is that all techniques must be context-sensitive"^{6:44}.

REFERENCES

1. Pope C, Mays N. *Qualitative Research in Health Care*. 2nd ed. London: BMJ Books; 2000.
2. Green J, Torogood N. *Qualitative Methods for Health Research* 3rd ed. London: Sage; 2014.
3. Wittgenstein L. *Investigações filosóficas*. Petropolis: Vozes; 2014.
4. Cardano M. *Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação*. Petrópolis: Vozes; 2017.
5. Rapley T. Interviews, in: Seale C, Gobo G, Gubrium JF, Silverman D (editors). *Qualitative Research Practice*. London: Sage; 2004. p.15-33.
6. Czarniawska B. *Narrative in Social Science Research*. London: Sage; 2004.
7. Clifford J. *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge (Mass.). London: Harvard University Press; 1997
8. Tedlock D. Questions concerning Dialogical Anthropology. *Journal of Anthropological Research*. 1987;43(4):325-37.
9. Morgan M. Case Studies in: Cartwright N, Montuschi E (editors). *Philosophy of Social Sciences. A New Introduction*. Oxford: Oxford University Press; 2014.p. 288-307.
10. Goldthorpe J. *On Sociology. Narratives, and the Integration of Research and Theory*. Oxford: Oxford University Press; 2000.
11. Madison GB. *The hermeneutics of postmodernity*. Bloomington: Indiana University Press; 1988.
12. Altheide DL, Johnson JM. Criteria for Assessing Interpretive Validity in Qualitative Research in: Denzin NK, Lincoln YS (editors). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage; 1994. p.485-499.



Data de submissão: 20/11/2017

Data de aceite: 08/12/2017

Data de publicação: 26/12/2017